

Uma questão de mentalidade

Beatriz Amazonas Cardoso

No século XVIII, em Portugal, é editado um romance polêmico, *Aventuras de Diófanos*, escrito por uma mulher, Teresa Margarida da Silva e Orta, nascida no Brasil, em 1707, podendo essa obra ser considerada o primeiro romance brasileiro, ou luso-brasileiro, um século antes de *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo. No presente trabalho, nosso olhar se direciona para uma pesquisa cujas fontes são raras e distantes, mas que não impedem nosso caminho nem nossa reflexão.

Em uma primeira leitura, *As Aventuras de Diófanos* de Tereza Margarida, me pareceu uma obra que tentava imitar Fénelon (século XVII) embora sem o brilho e sem o estilo refinado do Cardeal francês, cujo objetivo muito claro, na formação do Duque de Borgonha, era alertar o pupilo contra os perigos do autoritarismo da monarquia absoluta na França. Seria apenas esse o objetivo da autora portuguesa? A autora, por vezes me pareceu confusa, entre traços barrocos, desejos pastoris do Arcadismo e romanescos lances subjetivos.

Essa insatisfação, porém, provocou uma segunda e uma terceira leituras.

Passei então a ver que, mais que uma imitação ou a demonstração de uma época literária, havia a intenção claro-velada de uma mulher autora, reflexo de sua época e de seu gênero, em uma sociedade masculina dominadora.

O silêncio eloqüente de Tereza Margarida se apresenta como uma postura de intertextualidade, de diálogo com outras obras, como *Aventures de Télémaque* de Fénelon ou a *Odisséia* de Homero, refletindo não apenas uma posição literária do momento, mas, na imitação e nos temas, uma postura política e social que só o entendimento do momento histórico nos permite ler.

Também ela, em Portugal, sente os malefícios advindos do governo autoritário e castrador de D. João V – o Magnânimo – como já o sentira, em França, Fénelon, em relação ao governo arbitrário de Louis XIV, com seu gosto pelas guerras e pelo domínio de seu povo.

Não há dúvidas de que os discursos são formados por signos. Porém o que os escritores fazem vai além da simples nomeação das coisas. É preciso se ter presente a atuação viva do uso da língua que codifica esse discurso. Neste trabalho, a análise do discurso é feita pelo estudo dos cruzamentos ou embricamentos das séries textuais, enunciados, estratégias, monólogos, conteúdos ideológicos que produzem efeitos de sentido e que assim definem o discurso, segundo M. Pêcheux: o material histórico, a lingüística e os problemas semânticos.

Culta e preparada para viver em um mundo que, embora masculino pelo poder, já apresentava figuras femininas que se salientavam nas artes, nos meios sócio-políticos e sociais, Tereza Margarida vê, na prática das Letras, a porta de saída para expor seus pensamentos. Seria aceita nesse mesmo mundo que castrava a produção feminina por ideologia? Seria aceita em um Portugal que passava pelo Santo Ofício, numa caça às bruxas, vendo na figura da mulher a encarnação do diabo? À mulher não era dado o direito de pensar e, muito menos, de externar seu pensamento. Quantas já haviam ousado e poderiam ser consideradas vencedoras? Trocar de nome, de identidade, usar pseudônimos, tudo pareceria falso, para não dizer mutilante.

É aqui que entra a exploração dos recursos da literatura. Não apenas de Poesia pode viver o mundo literário feminino. Há na autora uma necessidade de mostrar domínios, não apenas políticos, mas lingüísticos também, em que se percebe impossível dissociar a atividade do falante da do escritor, e a escrita passa a ser um instrumento externo de comunicação, transformando seu texto em uma das partes do diálogo entre dois interlocutores: a obra e seu leitor.

Partimos inicialmente da idéia de que todo enunciado ou toda seqüência de enunciados é, lingüisticamente, discutível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. Neste espaço – o romance – nos é oferecida a análise de um duplo discurso: o discurso literário da autora luso-brasileira e o discurso de uma psicologia sócio-histórica do momento de sua criação.

No Prólogo, previne a autora:

[...] lembra-te que é de mulher, que nas tristes sombras da ignorância suspira por advertir a algumas [...] e não tenho a pena de Homero; mas como sou estrangeira, tenho visto bastante para poder contemplar soberanas propriedades, assentando em que não há vapores tão elevados que possam formar sombras na grandeza do Olimpo. (p. 1).

Também ela faz uma análise do ambiente em que apresenta sua obra, em sua própria defesa, como se para isso precisasse adotar uma posição de auto-proteção contra uma sociedade punitiva e cruel: “Acham-se as gentes tão dominadas de paixões particulares, que muitas vezes só se estimam as obras para maltratarem os seus Autores; [...]” (p. 03).

Para que servem os escritores? Aliados ou alienados, os que têm o talento da escrita, por mais que não queiram se mostrar engajados com seu momento sócio-político-cultural, são refletores de uma realidade da qual não conseguem se desprender. Se em toda expressão totalitária, nas sociedades que prezam a liberdade e a democracia, existe a “língua-de-espuma” que trabalha o poder de silenciar (Eni Orlandi – *As formas do silêncio*),

paralelamente há também a manifestação da resistência, trabalhando as identidades que não podem sucumbir, há também a voz que não cala e que descobre outros traços de comunicação para agir com seu interlocutor.

Tereza Margarida manifesta essa voz que não cala em *As Aventuras de Diófanos*. Em uma leitura cuidadosa, é possível encontrar os sentidos provocados pelo texto, rico em metáforas e linguagem figurada. A simples análise de texto não dá conta da produção de sentidos que se é capaz de intuir. Além do sentido, creio ser necessário também buscar o sujeito que o produz. A autora trabalha nos limites do dizer, quer no tema escolhido, quer nos monólogos de seus personagens femininos, quer na postura psico-pedagógica de seu dizer intencional de “ensinar boas maneiras às moças”.

O entrelaçamento das idéias e dos recursos estilísticos, constituindo redes de significantes e de memória, propõe um tecido curioso a ser estudado, como denunciador de uma criação literária se não clandestina, pelo menos, camuflada, fruto de um momento histórico conturbado.

Poderá o texto de Teresa Margarida servir de ponto de partida para a compreensão, por exemplo, da convivência de cristãos-novos com cristãos-velhos, em pleno século XVIII, em Portugal?

A repetição das representações sobre o universo, sobre a vida, sobre o conceito de amor e ódio, sobre a educação dos jovens – tudo nos leva a definir uma posição de defesa de idéias que extrapolam o individual. Teresa Margarida é um sujeito cuja posição ideológica permite emitir representações próprias do sujeito enunciador.

Para Regine Robin (In: GOLDMAN, Noemi. *El discurso como objeto de la historia*. p. 34), “[...] *ao se elucidar a função de uma ideologia é necessário sair do texto, mudar de terreno, passar da lingüística para a história*”.

Assim, considerando-se que o passado informado pesa na análise do presente, os mitos de longa duração dos antepassados criam significação e determinam as marcas de identidade.

Mantendo suas marcas identificatórias, como mulher e escritora luso-brasileira, Teresa Margarida tece seu romance com fios que parecem alheios entre si, mas que, no cômputo geral, revelam a ideologia que permeia a obra da romancista.

Seu discurso de apologia à liberdade se estende a todos os tipos de pressões e opressões, deixando à mostra, entre outros pontos, a ideologia de que todo homem é livre, e que essa liberdade se estende à liberdade de expressão e de crenças. Isto em um país como Portugal do início do século XVIII, momento de falsas luzes, que não permite essa forma de expressão, muitas vezes punida com a morte.

Teresa Margarida, porém, não se intimida e procura estratégias para alcançar seu objetivo, quer na imitação de outros autores, quer no uso da mitologia grega, quer na reprodução da linguagem bíblica.

Conviver com três religiões não foi uma tarefa fácil para a Península Ibérica durante muitos séculos. Cristãos, Judeus e Mouros dispuseram daquela região desde o século XII. Embora em coexistência pacífica, sempre houve elementos diferenciadores dos grupos, o que lhes permitiu manter a identidade.

Dessa coexistência, podemos afirmar que essas relações “amistosas” seguem até o início do século XIV. O medo da perda ou da diminuição de poder das autoridades, quer religiosas, quer políticas, foi um dos motivos para o rigor e a exigência da manutenção de hábitos e diferenças religiosas, individuais e típicas de cada uma das partes. Qualquer deslize seria uma maneira de mostrar enfraquecimento de uma ideologia em relação a outra, o que seria também, demonstração de sucumbência.

Assim, por motivos tanto religiosos como econômicos, a história de fadas da convivência pacífica se transforma em história de monstros e de feiticeiras, quando se dá a dispersão e a expulsão dos judeus de Espanha, em 1492, o que modificará por completo o perfil da Península Ibérica e o papel desempenhado por Portugal como receptor, na história dessa península.

Conversões forçadas, perseguições e entregas familiares, execuções em praça pública, crueldades e injustiças – tudo vai marcar a vida do século XV e dos séculos que se seguem. A partir dessa época, aprende-se a odiar, na Península Ibérica.

Instauram-se os trabalhos do Santo Ofício e da Inquisição, um “[...] tribunal estreitamente vinculado à ação política e fundado sobre uma ideologia religiosa não isenta de racismo em suas atuações”. A partir de então, monta-se uma intensa rede anti-semita. Discursos e sermões camuflam a realidade social dos dois países, antecipando em 5 séculos o racismo de nossos dias.

Surge, na Literatura Portuguesa, uma infinidade de escritores portadores da ideologia decorrente desses e nesses 5 séculos. Escritores de formação judaico-cristã, velha ou nova, que usarão a literatura como porta-voz das raízes formadoras de sua mentalidade.

No campo da Análise do Discurso, é possível ao pesquisador determinar o estudo desses textos com apoio das ciências cognitivas. Concordamos com Teun Van Dijk (*Cognição, discurso e interação*, 1992) ao afirmar que a representação cognitiva do mundo é de natureza essencialmente memorial. Interiorizar o mundo exterior é a função da memória. O

estudo do cognitivismo transformou o homem em um sistema complexo de transformação da informação.

Sob essa ótica, pode-se analisar um texto literário como sendo resultado da categorização do mundo real, relacionado com conhecimentos e crenças anteriores do mundo.

No caso específico do texto de Teresa Margarida, é o conjunto de dados emitidos pela escritora que instiga a atividade mental e memorial do leitor, estabelecendo uma rede de entendimento das inferências permitidas pela autora, o que os faz interlocutores de um mesmo momento histórico-social. As informações fornecidas pelo texto se misturam com outras informações, tais como época literária, momento histórico-cultural, dados sobre a autora e outros, que poderão ser decifrados ou decodificados a partir da complexidade das frases que integram sua estrutura semântica, ou a partir da escolha do tema, ou ainda, pela construção de personagens e situações.

O estudo da linguagem faz-se fundamental para a compreensão de cada época, de cada cultura. Segundo Lucien Febvre, cada civilização ou cada progresso tem suas próprias ferramentas mentais, em especial, a linguagem e o vocabulário, que exploram e expressam as ideologias e os comportamentos sociais dominantes.

Aventuras de Diófanes conta a história de uma família, cujos membros são acidentalmente separados por dois motivos: uma tempestade em alto mar e um ataque de país inimigo. A família é constituída de um casal, os reis de Tebas, Diófanes e Climenéia, um filho jovem que morre no ataque do inimigo, e uma filha, Hemirena, noiva do Príncipe de Delos, para onde se dirigiam ao serem atacados, tanto pelas forças da natureza como pela dos inimigos.

Separados os prisioneiros, seguem por todo o livro, em busca da re-união do grupo. Situações semelhantes acontecem no decorrer dos episódios, que vão sendo narrados pelas palavras de cada membro vivo da família. É nessas narrativas que encontramos as estratégias de Teresa Margarida de trazer à luz sua ideologia.

Na construção do personagem Hemirena, Teresa Margarida faz a fusão de duas imagens: a filha dedicada e respeitosa, modelo da conciliadora familiar, ao mesmo tempo em que se mostra firme em sua posição de resistência ao poder de pessoas que a queriam dominar, quer pela força, quer pelo amor. É uma mulher resistente, que diz “não” ao poder estabelecido, preferindo a morte à obediência de uma injustiça.

Numa visão geral, a linguagem mítica é explorada na literatura, impondo suas cores e suas tramas, não em momentos reais ou factuais, mas quando os mistérios se acumulam, os acontecimentos deixam questionamentos suspensos, ou ainda, quando paira uma sombra

sobre o que não se pode dizer ou não se deve fazê-lo. É nessa intersecção que o autor explora as metamorfoses e as transferências e o uso de uma mitologia que, se não explica, pelo menos, ilustra e insinua.

Hemirena surge investida de poder e função, cristalizando as esperanças, os ódios, os sonhos, onde reside a mentalidade de seu clã. Um misto de Antígona e Andrômeda, conciliadora dos interesses, na busca da unidade familiar. Mostra-se, segundo os mitos, valente, firme, serena, segura de seus objetivos, obediente às leis eternas.

Quando lhe é oferecida a liberdade, responde a Beraniza:

[...] Eu, Senhora, não desejo a liberdade, porque esta perde o preço, quando a servidão é tão ditosa. [...] se pudera conseguir a liberdade de meus pais, só essa empresa faria feliz os meus infortúnios, ainda que eu de todo perdesse a esperança de vê-los [...] (p. 26).

Com o tempo, o mesmo modelo servirá tanto para a piedade religiosa como para a piedade familiar. No século XVIII, a tendência é cristianizarem-se os mitos. A filha perfeita vence todas as dificuldades com uma doçura angelical. É uma alma religiosa, uma santa.

Nota-se, em Teresa Margarida, essa figura da filha perfeita e angelical, não vinculada à passiva e compassiva Joana D'Arc, mas à heroína do Direito Natural, semelhante à Antígona de Sófocles, que valoriza as leis não escritas, imutáveis, que não datam de hoje nem de ontem, as leis dos antepassados, que ninguém sabe de onde surgiram: “[...] diz ao Príncipe [que a pede em casamento] que antes quero perder a vida, que mudar de estado sem que os meus o determinem” (p. 29).

Em Teresa Margarida, a figura da fragilidade é substituída pela firmeza da jovem que reage e não se limita a esperar o cavaleiro que venha salvar a dama de um adversário malévolo; a autora subverte o modelo arquetípico, quando Hemirena não aceita os amantes que se apresentam durante sua “peregrinação”, tentando salvá-la e conquistá-la. Andrômeda, cujo nome significa “pensa como homem”, assume, na escritora portuguesa, a responsabilidade de se salvar e, como Antígona, busca reunir a família e cumprir seus desígnios, retornando ao reino.

Por outro lado, considerando-se sempre que esse é um texto ficcional e não histórico, Teresa Margarida levanta uma questão de identidade, na construção da personagem Hemirena. Dá-se uma espécie de metamorfose, que implica a idéia de que é responsável pelo seu próprio destino, idéia essa ligada à da morte iminente e ao desejo de sobreviver.

Para se proteger não somente do assédio bem intencionado do jovem príncipe Ibério, como para poder cumprir seus objetivos, Hemirena faz uso de roupas do sexo oposto (travestissement = transformismo), transformando-se convenientemente em Belino.

Muito utilizado nas comédias, esse recurso tem, na Espanha bons seguidores, como em Tirso de Molina e em Calderón. O mesmo transformismo para avançar a ação e resolver a intriga amorosa é explorado por Marivaux .

Porém, em Teresa Margarida, não se trata de uma metáfora ou de um símbolo que venham a discutir a identidade do personagem, e sim, de uma necessidade social de sobrevivência, nos mesmos moldes de sua vida em Portugal, como desde o século XVI já havia sido incorporado à sociedade. Não há perda da identidade nem sua busca. “Não parecia Belino dama delicada; porque como robusto soldado, animando os companheiros, se pegava com incrível valor ao seu remo, até que permitiu o Céu que abrandassem os mares [...]” (p. 189).

Lembremos que os estudantes “estrangeirados” de Coimbra se insurgiram contra os rigores da censura e os mandos autoritários do governo português da época, tanto quanto os descendentes de cristãos-novos e de marranos, cuja mentalidade e ideologia trazia as marcas do grupo. Falava-se baixo, às escondidas, expressando-se principalmente a fé no homem livre, que seguisse seus deveres e crenças como quisesse, como costuma suceder em momentos críticos da vida de um país.

Em Teresa Margarida, esse clima de “encobrimento” e de clandestinidade vai afetar sua escrita, os mitos se entrelaçam e, como já dissemos acima, no século XVIII esses mitos gregos, judaicos e cristãos assumem uma espécie de cristianização, na Península Ibérica. Tendo como objetivo a reconstituição de comportamentos, de expressões e de silêncios que traduzam a concepção de mundo e a sensibilidade coletiva, a autora portuguesa vai buscar sua inspiração em outros elementos motivadores, permitindo ao leitor mapear sua biblioteca e sua vivência.

No Antigo Testamento aparece um livro que fora escrito em hebraico e traduzido para o grego, mais ou menos em 178 a.C. Esse livro era lido na festa do Purim, instituída para recordar a libertação do povo eleito por obra de Ester, filha adotiva de Mardoqueu e esposa de Assuero.

No Livro de Ester, capítulo 2, 10-11, leia-se a passagem:

Ester não lhe [ao rei Assuero] quis descobrir de que terra nem de que nação era; porque Mardoqueu [seu pai] tinha-lhe ordenado que guardasse nisso um grande segredo. (Livro de Ester, capítulo 2, 10-11).

O mito de Ester se constrói na intersecção das semelhanças entre ela, Antígona e Hemirena: todas filhas perfeitas, delicadas mas fortes nos seus propósitos, com a consciência

do cumprimento de uma missão: unir o clã em busca da Nação, seguindo as imperiosas Leis do Alto e manter-se em segredo até conseguir seus objetivos: “[...] Duvido, Senhora, se meus pais me ordenaram, que o não revelasse, e assim espero, que a vossa grandeza me dispense de responder-vos.” (p. 17).

A mesma posição de ocultamento e disfarce se repete com o pai e com a mãe.

Somente depois de passado algum tempo, é que os personagens se mostram como eles mesmos, como se fosse necessário adquirir grande dose de confiança para poder haver a revelação. Forma de proteção contra qualquer obstáculo que os desviasse de seus objetivos? Talvez [...].

Se o sonho de libertação dos portugueses sujeitos ao domínio espanhol, no século XVI, deu margem para o aparecimento de uma figura lendária redentora (em Trancoso), essa idéia vai persistir na cultura lusitana, pela criação de Pe. Antônio Vieira, em seu sonho messiânico do retorno de D.Sebastião, na pessoa de D.João IV, a quem ele cognomina “o Encoberto”. Essa concepção messiânica de salvação do povo português, que perdura até o Modernismo, com Fernando Pessoa, deixa marcas também na ideologia lusitana de Teresa Margarida, refletidas em *Aventuras de Diófanés*.

O messianismo é, na cultura hebraica, a crença na característica de salvador e redentor de um personagem que aparecerá no futuro, com a missão de redimir Israel, libertando-o de sofrimentos e humilhações sofridas desde os tempos de Nabucodonosor, arrogante e despótico rei da Babilônia.

“O retorno à nação” é um discurso milenar, que remonta aos anos 586-539 a.C, desde a volta do povo judeu do exílio da Babilônia. Como os personagens de *Aventuras de Diófanés*, Israel considera-se o “povo eleito”, separado do mundo, de seus interesses e ideais, cuja meta de existência consiste na esperança da redenção, com a vinda de um Messias divino, anunciado por todos os grandes profetas, desde toda a antiguidade judaica.

Tanto na leitura religiosa como na leiga perpassa, na Península Ibérica, uma lógica narrativa de tipo messiânico, caracterizando um Portugal predestinado, castigado e libertado providencialmente para se instalar uma nova era.

Assim como o exílio marcara tão profundamente a alma dos judeus, a humilhação marcara a alma dos portugueses com o domínio estrangeiro. A mesma sensação de abandono, de desconcerto, de destruição. Pela linguagem dos profetas, quem poderia salvá-los, judeus e portugueses, senão um rei poderoso, um enviado celeste que, descendo dos céus, mudasse o rumo da história? Um rei que submetesse os gentios a Israel ou ao poder da Bondade e da Humildade cristãos.

O messianismo é construído como uma imbricação de necessidades com modelos já conhecidos. Não se pode negar a combinação do messianismo nacional português, na figura redentora de D. Sebastião, com o messianismo judaico transmitido pela mão, pela palavra e pelos silêncios dos cristãos-novos. Para Vieira, D. João IV, o rei Encoberto, é o sucessor de D. Sebastião, cumprindo-se a promessa do Quinto Império e a chegada daquele que seria o “Salvador da Pátria”, um redentor não apenas religioso como também político.

Na mentalidade de Teresa Margarida também essa idéia do Salvador está presente. Mulher culta e preparada - vivendo com os “estrangeiros” de Coimbra um ambiente cultural à espera de soluções contra o extremo absolutismo reinante em Portugal - seu discurso político não se prende à idéia de messianismo como a vinda de um rei salvador, misterioso e desconhecido, descendo dos céus, mas sim ligado aos bons princípios que devem reger o bom rei, aquele que já está entre seus súditos, contrariando uma realidade já conhecida, quer na pessoa de D. João V, quer na de D. José, e que deveria conduzir seu povo pelo melhor caminho.

Na construção do personagem Diófanes, rei de Tebas, Teresa Margarida se faz valer de traços de personalidade ideais, à semelhança de um Salvador, chamando-lhe, pela boca dos outros personagens, “o Filósofo”, o “Sábio”, mantendo um reino ideal, onde “[...] *o amor e a humildade com que se obedecia ao Rei, a concórdia com que viviam os vassallos, a opulência para que concorria o comércio, e a mais forte coluna de fidelidade em cada soldado contente, a inteireza com que se administrava a justiça e a brevidade com que se evitava as desordens [...]*”.

Eis o reino perfeito, pretendido e esperado por Teresa Margarida, no momento da escrita de *Aventuras de Diófanes*, reino esse constituído por homens livres em pensamento e crenças, tementes a Deus e fiéis a si mesmos.

Longe de construir apenas o perfil de seus personagens, a autora nos delineia seu próprio perfil, permitindo-nos estudar modelos lingüísticos e modelos sócio-históricos, embricados no momento da leitura, autorizando ao leitor o preenchimento de lacunas e defasagens aparentes do texto.